

Povos Indígenas no Brasil

Fonte *Gazeta de Notícias (RJ)*

Class.:

40

Data *7 de Julho de 1986*

Pg.:

190 **Nossos idiomas**

A professora Elizabeth Rondon Amarante, neta do Marechal Rondon, apresentou, em reunião do Conselho Indígena Missionário, proposta de criação de uma escola específica para a educação dos índios. O Governo, segundo a professora, precisa aceitar como realidade a existência de muitos idiomas brasileiros. E essas línguas devem passar a ser, além de faladas, escritas. Por que não? Muito mais multinationais que o Brasil são outros países, onde as línguas dos oborígenes deixaram de ser apenas balbuciadas. Na União Soviética o socialismo fez com que pequenas nacionalidades dos confins da Ásia passassem a ter língua escrita.

O desenvolvimento de nossas línguas indígenas de modo algum prejudicará o cuidado devido à língua de Comões. Por sinal, não nos parece justa a reação zangada do antigo ministro da Educação de Portugal, professor Vitorino Magalhães Godinho, e de outros filólogos de Coimbra, de Lisboa ou do Porto, que consideraram prejudicial à pureza da língua de Camilo e Herculano o inevitável entrelaçamento dos diversos modos de se falar e de se escrever o português de Portugal e suas variações enriquecidas no Brasil, em Angola, em Moçambique e "ainda além da Taprobana". O novo reino, nascido entre perigos que desafiavam a força humana, não poderia deixar de contribuir para a cultura mundial, através de uma língua em constante aprimoramento e livre de estagnações. Do novo reino todos nós fazemos parte, com orgulho.

O desenvolvimento da língua começa em Portugal. Do Minho e de Trás-os-Montes ao Alentejo e ao Algarve regionalismos enriquecem o vernáculo, também enriquecido pelos vocábulos de origem árabe, na dominação mourisca. O mesmo processo de enriquecimento não poderia dispensar a contribuição brasileira e a africana. Coisa diferente e pernicioso é a infiltração de estrangeirismos.

Quanto aos filólogos, seu dever é trabalhar. Mas trabalhar com orientação certa. Ainda agora, por exemplo, o reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Sr. Horácio Macedo, revelou preocupação ante a pobreza do ensino de segundo grau. Candidatos ao curso superior, no vestibular, denotam dificuldade de escrever, além de limitado espírito crítico. Por isso a UFRJ passará a exigir que no vestibular se escreva melhor. Esta é sem dúvida uma forma de combater o mercantilismo do ensino. Os industriais do ensino preparatório adestram rapazes e moças não para "aprender" e sim para "passar". Esse tipo de pedagogia, em seu método, assemelha-se às piores escolas onde se treina gente para tirar carteira de motorista sem saber dirigir.

Tradicionalmente, certos setores têm contribuído no Brasil para o extermínio das nações indígenas e para o desaparecimento de sua cultura. Essa atitude sempre foi a dos monopolistas da terra, que hoje contam com a colaboração de empresas das áreas da construção de hidrelétricas e da mineração mecanizada.

O Governo deve apoiar o trabalho da professora Elizabeth Rondon Amarante. O desenvolvimento dos idiomas indígenas seria impossível sem ajuda oficial. De fato, há muitos idiomas brasileiros e nós não podemos condená-los à morte. Sua estruturação pedagógica, longe de prejudicar, beneficiará a língua principal, que é em nosso caso a que herdamos dos portugueses.